

(21) *Mascarados na Micareta. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).*

Foi na Micareta de 1960 que surgiu, pela primeira vez, nas ruas da cidade o Bloco dos “Cães”, que até os dias de hoje se mantém nessas festas. O bloco é formado de vários homens pintados de preto, com chifres e tridentes, e que saem cuspidando fogo pelas ruas atrás de uma alma penada até o cemitério local. Segundo conta seu criador, Waldemar Pereira da Conceição, conhecido como “Fecha-beco”, folião de origem humilde, a idéia surgiu a partir de uma iconografia vista na Igreja do Bonfim. Os “cães” surgiram como a atração popular de maior destaque nas ruas da festa daquele ano, contrariando por sua vez setores tradicionais da Igreja Católica local que não vira com bons olhos aquele espetáculo¹²⁶. Certamente a saída do grupo chamou bastante às atenções da população, visto que até o ano anterior as notas do *Vanguarda* eram sempre atentando para a ordem e tranqüilidade nos festejos de rua das micaretas na cidade. Não foi encontrada nas edições de 1960 do jornal nenhuma abordagem a respeito daquele grupo popular. Mas, por sua vez, Micucci produziu na época uma fotografia do grupo, representando o que para ele era uma importante manifestação cultural da cidade.

¹²⁶ AQUINO, Ivanilton de Araújo. *Histórias de um “velho cão”*. UNEB: Jacobina, 2001. (monografia de graduação).



(22) Os Cães. Década de 1960. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo.

A tônica dos discursos do *Vanguarda* com referência a festa da Micareta na cidade, entre fins dos anos 50 e início dos 60, era de que sua sociedade procurava fazer daquele evento um espaço da manutenção de tradições em consonância com novos hábitos modernos. A este respeito coube um destaque na edição de 24 de março de 1956 onde informou que “a ‘Aurora’ acabava de ser dotada de uma excelente geladeira que ampliaria consideravelmente os serviços de bar durante as festas da Micareta”¹²⁷. Na edição 7 de abril do mesmo ano, abordou que ao lado do “tradicional ‘Zé Pereira’” a cidade encontrava-se preparada para receber os visitantes de outras localidades, com palanque armado na Praça Rio Branco e com a ampliação da “iluminação das principais ruas da nossa urbe”. Nos clubes, destaque para o “Aurora” que apresentava naquele ano “uma ornamentação em estilo modernista e dotada de esplêndido serviço de alto-falante interno”. Como se percebe, segundo o jornal, tradição e modernidade coexistiam nas festividades da Micareta. Ao lado dos tradicionais bailes nos clubes, que naquele momento incorporavam novos hábitos, as festividades nas ruas passavam a exigir também mudanças, como a ampliação da iluminação elétrica para atender aos “vários blocos e cordões” apresentados naquele ano de 1956.

¹²⁷ Jornal *Vanguarda*, n.º 336, de 24 de março de 1956, p.4. (*Micareta*).

Osmar Micucci, que também era um exímio folião, fotografou diversos bailes nos



(23) Baile de Micareta na Aurora. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Os bailes da micareta da alta sociedade aconteciam nos dois clubes – 2 de Janeiro e Aurora. Esta fotografia feita mostra um dos momentos na Aurora com pessoas fantasiadas dançando.

fazer uso de flash eletrônico a fim de obter melhores resultados nas imagens feitas nos ambientes internos, pouco iluminados. Essa atitude pioneira e empreendedora certamente contribuiu para ele ganhar o epíteto de “fotógrafo moderno” entre os habitantes locais.

Na Jacobina dos “anos dourados” a Semana da Pátria era um evento do calendário festivo bastante enaltecido pelas elites letradas. Isso é o que se percebe neste poema escolar recitativo,

dois clubes. Foram encontrados entre seus negativos centenas de imagens produzidas ao longo dos anos 50 e 60 em que apresentam foliões e blocos que brincavam nos salões internos. Dentre as imagens, são poucas as de rua e de populares, o que leva a crer que para o profissional era mais rentável trabalhar nos espaços da elite, desejosas de se verem representadas nas fotografias. Merece destaque o fato de o fotógrafo ter sido o primeiro profissional da cidade a



(24) Baile de Micareta na Aurora. 1958. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Apesar da condenação do uso de máscaras, a elite local não deixou de fazer uso daquele adereço que era uma característica marcante da festa.

de autoria de Manoel de Figueiredo

Jacobina e a Independência

Se não mais aqui houvesse
As festas da Independência,
Haveria quem dissesse:
Ó povo sem persistência!

Isto, porém não se nota,
Pois com alma varonil,
A terra de Afonso Costa
Homenageia o Brasil.

O velho, o moço, a criança
Presentes aqui estão,
Irmanados na lembrança
De nossa Emancipação!

Esta sala grande, embora,
Pra conter tôda essa gente,
Tornou-se pequena, agora
- Não tem vaga, infelizmente...

Nesta semana tão linda,
De sublime evocação,
Todos sentem mais ainda
A Pátria no coração!

E fica bem manifesto
Que nesse amor bem febril,
JACOBINA está mais perto
Do coração do BRASIL!...¹²⁸

O patriotismo eufórico do poema faz referência ao historiador Afonso Costa, uma homenagem àquele que era visto como o mais representativo homem das letras de Jacobina. Para o *Vanguarda*, “poucas cidades do interior do Estado comemoram a data da nossa independência político-administrativa com o entusiasmo cívico e o brilhantismo com que Jacobina a comemora”¹²⁹. Ocorrida entre os dias primeiro ao sétimo do mês de setembro, o evento envolvia diversas instituições públicas e privadas na organização dos seus preparativos para a semana que culminava no feriado do dia sete, quando desfilavam pela cidade diversos grupos, num espetáculo em que a população se orgulhava como símbolo de sua civilidade.

As informações veiculadas nas matérias do *Vanguarda* acerca da Semana da Pátria sempre transmitem um tom de grandiosidade do evento, designado em expressões do tipo, “garboso desfile”, “brilhantismo”, “belo e emocionante espetáculo civil” ou até

¹²⁸ Jornal *Vanguarda*, n.º 460, de 7 de setembro de 1958, p.2. (*Jacobina e a Independência*).

¹²⁹ Jornal *Vanguarda*, n.º 409, de 14 de setembro de 1957, p.1. (*O Brilhantismo das Festividades do <Dia da Pátria> Nesta Cidade*).

mencionando sobre a “vibração patriótica da população local” ao ver os desfiles. Todos os anos o jornal divulgava as programações comemorativas da semana. No dia 7 de setembro as comemorações iniciavam às 5 horas da manhã e normalmente iam até a noite. O dia começava com alvorada organizada pelo Tiro de Guerra, seguida de hasteamento de bandeira, concentração na praça Getúlio Vargas, desfiles pelas principais ruas da cidade, concentração na Praça Rio Branco, e por fim, bailes nos clubes privados, o que demonstra certo caráter restritivo do evento, visto que os espaços nos clubes privados eram freqüentados por poucos segmentos da sociedade¹³⁰.

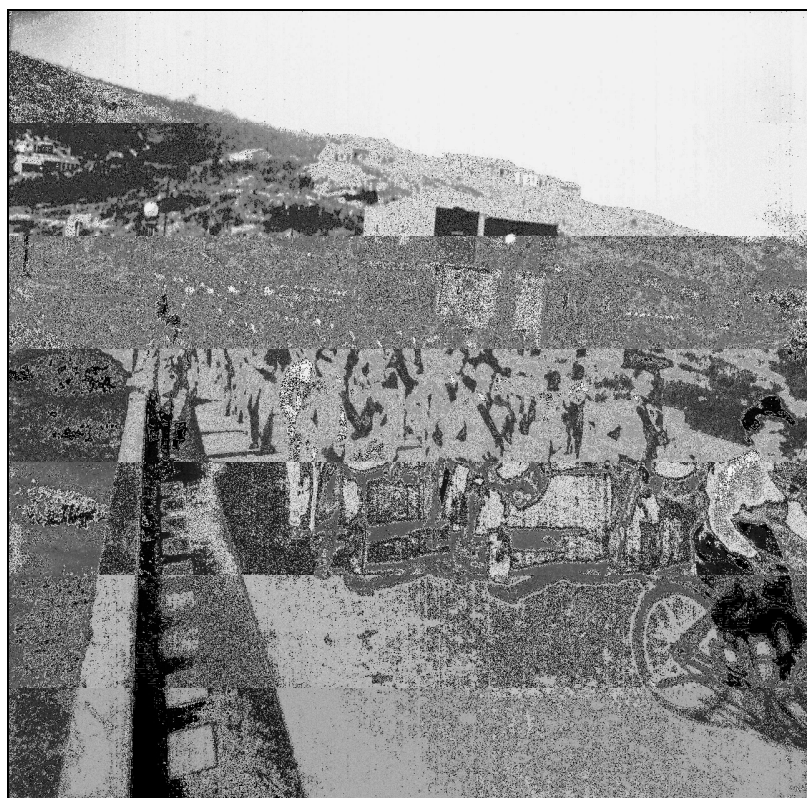
Pelo acervo fotográfico consultado nesta pesquisa, esse foi um dos eventos públicos mais registrados em imagens. Segundo alguns fotógrafos, aquele era, e continua sendo, uma grande oportunidade para aumentar suas rendas financeiras, produzindo fotografias para instituições e particulares. Foi no desfile de 1954 que Osmar estreou como fotógrafo, ainda seguindo as orientações técnicas do seu pai (Imagem 13 do capítulo 1). Conforme as fotografias aqui apresentadas, produzidas por Osmar Micucci e Aurelino Guedes, paralelamente ao jornal, expressam a noção do “brilhantismo” ou da “vibração patriótica” daquele evento na cidade da época, que conseguia concentrar multidões de pessoas nas principais vias públicas.

Aurelino Guedes produziu uma vista panorâmica dos desfiles na Praça Rio Branco, em 1955. O ângulo escolhido pelo fotógrafo na imagem transmite uma sensação de grandiosidade do evento. Feita do alto de um palanque armado, ou talvez da carroceria de um caminhão, conforme sugerido pelo detalhe abaixo da fotografia, ele produziu uma cena em perspectiva da praça em pleno desfile. Nota-se uma grande multidão entre os que desfilam e os observadores. Como era comum na prática deste fotógrafo, existem as legendas informando quanto ao tema, data, local e autoria da imagem.

¹³⁰ Jornal *Vanguarda*, n.º 361, de 15 de setembro de 1956, p.1. (*As Festividades do Dia da Pátria Nesta Cidade*).



(25) Desfile de 7 de Setembro. 1955. Foto: Aurelino Guedes. Acervo Memória Fotográfica de Jacobina. (Cópia digitalizada).



(26) Desfile de 7 de Setembro. 1956. Foto: Osmar Micucci. Acervo particular do fotógrafo. (Negativo 6x6 cm).

Osmar Micucci apresenta um momento do desfile no Sete de Setembro de 1956, antes da concentração na Praça Getúlio Vargas. O enquadramento da cena na fotografia sugere a idéia da grande quantidade de pessoas que participavam da

solenidade. É possível observar a enorme fila ocupando do canto direito ao centro da imagem.

Quanto ao aspecto técnico, é importante considerar nestes dois tipos de fotografias, que exigiam instantaneidade para flagrar momentos, que elas só seriam possíveis com equipamento apropriado para estes fins. Com relação a isso, é bom se ter em mente que as câmeras de grande formato, que normalmente usava-se com tripés, não eram condizentes com o padrão das imagens aqui produzidas, que exigiam rapidez e leveza nos movimentos dos fotógrafos. Dá para perceber que, embora as pessoas estejam andando, elas não aparecem totalmente borradas. As câmeras de médio ou pequeno formato, mais leves e com novos recursos técnicos, como controle de velocidade do obturador, eram as “sensações” dos fotógrafos profissionais nos anos 50. No padrão médio formato, a Rolleiflex, que usava filmes 120mm, ocupava um lugar de destaque entre os equipamentos fotográficos modernos (Imagem 6 do anexo). Certamente, o uso destes formatos de câmeras e filmes foram também novidades apresentadas nos eventos de 1955 e 1956. Não se obteve imagens instantâneas nos eventos de Sete de Setembro dos anos anteriores, a não ser daquele tipo feito por Rosendo Borges (Imagem 5 do capítulo 1), onde as pessoas aparecem posadas e estáticas no momento do “clic”. Nesse sentido, estes dois fotógrafos e seus equipamentos mais compactos também colaboravam para fazer daqueles eventos dos anos 50 em Jacobina, referências de festas “modernas” para a região.

As novidades tecnológicas na cidade também atingiram espaços de lazer como o cinema. Ele que já era uma realidade em Salvador e em algumas cidades de porte médio e pequeno desde o início do século XX, em Jacobina fazia parte do seu universo cultural desde os anos 30¹³¹.

Ícone da sociabilidade moderna urbana, o cinema foi visto pela imprensa local como a mais legítima marca do progresso. O jornal *O Lيدador* apresentou o cinema como mais um elemento da fase de desenvolvimento vivenciado pela cidade nos anos 30.

¹³¹ A respeito da presença do cinema no universo sócio-cultural das cidades baianas temos: FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”*: cinematógrafos, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897-1930. Salvador: EDUFBA, 2002 e SOUSA, Ione Celeste Jesus de. *Garotas tricolores, deusas fardadas*: as normalistas em Feira de Santana 1925 a 1945, Bahia. PUC-SP, 1999 (dissertação de mestrado), particularmente o Capítulo II, onde a autora discute o ambiente cultural da cidade, marcado pela presença de três cinemas na época analisada.